

Bancos querem um recuo da Bolívia

Os banqueiros farão todo o possível para conseguir que a Bolívia reconsidere a declaração de moratória para sua dívida externa, segundo afirmou ontem na Cidade do México o vice-presidente do Bank of America, José Carral. Em Belgrado, representantes dos bancos se manifestaram contra a fixação de um teto para os juros cobrados dos países pobres. Em Miami, o ex-chanceler alemão, Helmut Schmidt, criticou duramente a política econômica do presidente Ronald Reagan, e advertiu para o perigo de um desastre financeiro internacional de grandes proporções.

— Muitos erros foram cometidos, mas se deixarmos que os bancos enfrentem sozinhos o problema, isto poderá levar a um desastre que ultrapassaria o âmbito da comunidade bancária internacional, tornando legítimas as comparações com a situação de 1929, 1930 e 1939.

Indagado sobre a próxima reunião de cúpula dos sete países ricos do Ocidente, Schmidt respondeu: "Não me sinto de todo otimista, por que participei pessoalmente de oito destas reuniões (entre 1974 e 1982), e a qualidade das mesmas piorou desde que abandonei a vida pública". Numa clara crítica ao presidente norte-americano, Schmidt comentou a reunião do ano passado, realizada em Williamsburg, Virgínia, nos seguintes termos: "Foi um

verdadeiro desastre, apenas camuflado para o público com o comunicado" (firmado ao final da reunião pelos participantes).

De qualquer modo, reuniões como estas são úteis pelo menos para que os governantes se conheçam, disse ele, e talvez tivessem evitado situações de total insegurança, como as atuais relações entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Schmidt deu algumas sugestões à América Latina de como renegociar a dívida: "Trataria de negociar coletivamente, buscaria um teto para os pagamentos de juros e mais prazo para os períodos de amortização".

No México, o jornal *Unomasuno* comentou "a histórica decisão do povo e governo bolivianos" de declarar a moratória. "Depois de três repetidos fracassos em menos de 18 meses, dos planos oficiais implantados sob recomendação dos banqueiros", é "altamente significativa a decisiva participação da população trabalhadora, encabeçada pela principal central operária, contra as medidas de austeridade".

O jornal observa ainda que a Bolívia estava diante da alternativa de "renunciar aos programas sociais ou cooperar com a COB e enfrentar o previsível bloqueio financeiro das 128 instituições credoras encabeçadas pelo Bank of America".